

# Todo dia será dia de Índio

Prof. João Batanolli – Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Indígenas e Afro-brasileiras e outras minorias da Unesc

O 19 de abril como Dia do Índio parece estar com os dias contados. Explico-me. Ao que tudo indica, a atenção dirigida a esses brasileiros, raiz fundamental entre as raízes de nossa brasilidade, deixará de ser motivo de pálida lembrança apenas nessa data. Pensaremos neles mais seguidamente, pois, por força da Lei e determinação do MEC, as escolas e cursos de graduação das Instituições de Ensino Superior do Brasil, progressivamente, passarão a contar em suas grades curriculares com disciplinas relativas à história e cultura indígenas. O mesmo se dará em relação à cultura afro-brasileira.

Isso acontece de maneira tardia, a fim de se corrigir um “esquecimento” sistematizado na construção da autoimagem do “ser brasileiro”. Mas, como dizia Millôr Fernandes, “antes tarde do que mais tarde”. E, parafraseando o canto de Baby Consuelo nos anos 70, hoje Baby do Brasil, “todo dia será dia de índio!”. Para que isso aconteça, teremos que rever e aprender muita coisa, principalmente com os próprios índios.

O professor José Ribamar Bessa Freire (coordenador desde 1992 do Programa de Estudos dos Povos Indígenas e docente do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO) enumera os nossos cinco principais equívocos sobre os índios:

**1º) O índio genérico:** A primeira ideia que a maioria dos brasileiros tem é a de que eles são um só povo, um bloco único. Mas, prestem atenção: hoje vivem no Brasil mais de 220 etnias falando 188 línguas diferentes. Cada um desses povos tem sua forma de expressão, sua religião, sua arte, sua ciência, sua dinâmica histórica própria.

**2º) Culturas atrasadas:** Os povos indígenas produzem saberes, ciência, arte refinada, literatura, poesia, música, religião. Considerá-los atrasados é ignorância nossa. Os Mbyá Guarani são considerados por muitos estudiosos como os “teólogos da América”. Numa exposição, somente o povo Kaiapó documentou conhecimentos sobre plantas medicinais, agricultura, classificação e uso de solos, sistemas de reciclagem de nutrientes, métodos de reflorestamento, pesticidas e fertilizantes naturais, comportamento animal, melhoramento genético de plantas semidomesticadas, manejo de pesca, vida selvagem e astronomia.

**3º) Culturas Congeladas:** Enfiaram em nossas cabeças que índio para ser índio tem que andar nu, com arco

e flecha e outros adereços de penas. Ignora-se por completo, nesse caso, o fenômeno universal da relação entre culturas – a interculturalidade; a capacidade inata de ensinar e aprender, trocar e influenciar-se mutuamente. Só que aos índios não foi dado o direito de escolher o que trocar. Foram explorados, desfigurados, ignorados e alijados do processo.

**4º) Eles fazem parte do passado:** Para apontar esse equívoco, encontramos no mesmo texto a frase do antropólogo Darell Posey: “Se o conhecimento do índio for levado a sério pela ciência moderna e incorporado aos programas de pesquisa e desenvolvimento, os índios serão valorizados pelo que são: povos engenhosos, inteligentes e práticos que sobreviveram milhares de anos na Amazônia. Essa posição cria uma ponte ideológica entre culturas que poderia permitir a participação dos povos indígenas, com o respeito e a estima que merecem, na construção de um Brasil moderno”. Mas o que temos do lado de cá é desconhecimento, ignorância e preconceito.

Por último, o **5º equívoco: O brasileiro não é índio:** Não consideramos a presença do índio na formação de nossa identidade. Há 500 anos não existia esse povo chamado brasileiro, ele é novo, foi formado nestes cinco séculos com a contribuição, dentre outras, de três grandes matrizes: as matrizes europeias (portugueses, espanhóis, italianos, alemães, poloneses, entre outros); as matrizes indígenas (como os tupi, aruak, jê, tukano e muitos outros); e as matrizes africanas (fon, yorubá, nagô, gêge, ewés, bantos kibundos e muitos outros). Depois ainda os turcos, japoneses, sírio-libaneses, dentre tantos outros que vieram enriquecer ainda mais nossa cultura.

Nosso problema de identidade é considerarmos apenas o europeu, que dominou política e militarmente, como raiz nacional. Enquanto isso, o índio continua vivo dentro de cada um de nós. E, ao que parece, passa a ser reconhecido. Com certeza, muitas das respostas para problemas que nós causamos e não conseguimos resolver provêm deles.

Aqui na Unesc, já sentimos um primeiro reflexo dessa política com o Seminário “Saúde, Ambiente e Cidadania”. Ao longo da última quarta-feira (22/4), alunos e professores estiveram envolvidos no evento, que busca reconhecer essas diferentes culturas, seus modos de pensar e agir.